



A evolução gráfica dos quadrinhos da Turma da Mônica e a estética de Mauricio de Sousa¹

Rafael FIALHO²

Laene Mucci DANIEL³

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

O artigo tem o objetivo de realizar um estudo exploratório para elencar as principais transformações gráficas pelas quais passaram alguns personagens da *Turma da Mônica*, do artista Mauricio de Sousa, no intuito de apontar marcas de uma estética própria do autor. Com o estudo, percebe-se que Mauricio de Sousa consolidou suas propriedades gráficas a ponto de constituir uma espécie de “padrão” que é seguido pelos profissionais de seu estúdio, trazendo à tona questões como produção “em série” de quadrinhos e ausência de carga autoral desses artistas.

PALAVRAS-CHAVE: quadrinhos; Turma da Mônica; Mauricio de Sousa

1. INTRODUÇÃO

Surgidas na primeira metade do século XIX, as histórias em quadrinhos (HQ's) começaram a se estabelecer no contexto do nascimento do cinema e da fotografia, assim como do Impressionismo na pintura. Tal cenário, marcado pelas novidades, contou ainda com a Revolução Industrial, que trouxe avanços na técnica da impressão tipográfica. Estas e outras condições contribuíram para o desenvolvimento das HQ's, uma nova forma de se contar histórias.

Inicialmente, os quadrinhos não passavam de histórias ilustradas, mas que já traziam o encadeamento de ações próprio desta estrutura narrativa. Se antes os jornais eram o principal suporte para as HQ's, a partir de 1934 eles passam a dividir público – e vendas – com as revistas, onde os artistas encontram mais liberdade criativa. É nessa época que os super-heróis tomam conta das páginas, e instauram um modelo narrativo e estético baseado na mitologia. Depois de ser exaustivamente aproveitada, a temática dos

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Graduando em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa, email: rafaelbfialho@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa, email: laenemucci@gmail.com.



heróis sofre uma renovação a partir da década de 60, ganhando novo fôlego com a estética da “novela gráfica”, que permanece relevante até hoje (CIRNE, 2002; BAGNARIOL, 2004).

No Brasil, os quadrinhos começam a se desenvolver um pouco mais tarde; conhecidas como “literatura em estampas” ou “romances caricaturados”, as HQ’s surgem por volta de 1866 e veem em Ângelo Agostini seu principal expoente, com uma rica produção de desenhos e charges. Pelos pequenos quadros, as artes gráficas brasileiras evoluíram e expressaram desde críticas políticas até sentimentos de infância, passando por momentos ora de dominação e influência de produções internacionais ora de valorização de artistas brasileiros (CIRNE, 2002).

É em meio a grandes artistas que aparece, em 1959, a primeira tirinha de Mauricio de Sousa. Paulista nascido em Santa Isabel, Mauricio fazia ilustrações para jornais de Mogi das Cruzes, onde morava. Foi para São Paulo com vistas a se desenvolver como desenhista e trabalhou como repórter policial na *Folha da Manhã* (atual *Folha de S. Paulo*). Na primeira tirinha publicada os personagens principais eram Franjinha e seu cachorro Bidu. No ano seguinte, Mauricio lança a revista *Bidu*, que teve apenas alguns números, mas serviu de experimentação para as revistas que viriam posteriormente (SOUSA, 2004b).

O reconhecimento do talento de Mauricio cresce a cada tirinha publicada, nas quais vão surgindo novos personagens – Cebolinha, Piteco, Chico Bento e Penadinho, e mais recentemente Bloguinho, Dorinha e Luca são alguns deles. Em 1963 ele cria, junto com a jornalista Lenita Miranda de Figueiredo, o suplemento *Folhinha de S. Paulo*. No mesmo ano, Mônica aparece pela primeira vez numa tirinha como personagem secundária, irmã de Zé Luís. A força de Mônica é coroada com sua primeira revista solo em 1970, já com tiragem de 200 mil exemplares, pela Editora Abril. Desde então a dentuça e sua turma nunca mais deixaram as bancas; aliás, o sucesso editorial de Mauricio de Sousa proporcionou novos personagens, produtos e revistas. (SOUSA, 2004a). Exemplo disso é a *Turma da Mônica Jovem*, versão adolescente da criação de Mauricio.

A tiragem das revistas aumentava exponencialmente, o que fez com que Mauricio montasse uma equipe de profissionais que se tornou a Mauricio de Sousa Produções (MSP). A produção de quadrinhos tomou proporções industriais, o que fez com que Mauricio criasse um estilo próprio, “mauriciano”, que fosse reproduzido por artistas treinados por ele. Ainda assim manteve-se o modo de confecção quase artesanal,

manual: até hoje, todas as histórias têm que ser aprovadas por Mauricio antes de serem publicadas (SOUSA, 2004b).

O presente artigo busca traçar um panorama geral da evolução gráfica de alguns personagens da Turma da Mônica. Desse modo, busca-se identificar o “modo de fazer” de Mauricio de Sousa, e de que modo essa estética própria foi sendo alterada ao longo dos anos, principalmente no que diz respeito ao traço dos desenhos e a anatomia dos personagens principais., no estilo, na cor, entre outros aspectos.

2. EVOLUÇÃO GRÁFICA DE PERSONAGENS DA TURMA

A análise das modificações gráficas dos personagens da Turma da Mônica será referente, principalmente, aos traços do desenho, à composição do personagem, seu “figurino” e sua “anatomia”. A análise limita-se aos personagens Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e Chico Bento, pois são estes que têm revistas próprias, e, portanto, são mais recorrentes nas páginas de Mauricio de Sousa.

2.1. MÔNICA

A líder da turma foi criada em 1963, inspirada na filha de Mauricio de Sousa, que traz o nome da personagem. A nova personagem seria uma alternativa feminina às tirinhas, dominadas pelo sexo masculino (SOUSA, 2004b). Sobre a nova criação, Mauricio afirmou: “Como foi a primeira menina da turma, demorei quase um ano para desenvolvê-la. Não sabia como uma mulher pensava e me inspirei na minha filha”⁴. Em sua primeira aparição, Mônica já mostra a que veio, e comporta-se de modo igual ao que se vê até hoje: brava, já chega dando coelhadas, sua marca registrada.

Inicialmente, a menina tinha estatura menor, usava sapatos, seus cabelos eram escorridos e seu vestido tinha dois pequenos bolsos. As pálpebras eram franzidas, o que dava a ideia de constante raiva, “cara-fechada”. O coelhinho Sansão tinha estrutura bem simples e rudimentar, com orelhas pontiagudas e aparentando ser mais rígido, duro e ereto. Os dentes eram divididos e tinham formato retangular (Figura 1).

⁴ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2013/05/1272151-verdadeiro-sansao-esta-em-exposicao-sobre-50-anos-da-monica-veja-fotos.shtml>. Acessado em 5 mai 2013.



Figura 1: Primeira constituição gráfica de Mônica. Reprodução (SOUSA, 2004a, p. 38).

Alguns meses depois de criar a Mônica, Mauricio simplificou os traços do desenho, suprimindo os detalhes do vestido e o sapato, para atender a demanda de tempo imposta pela *Folhinha de S. Paulo*, suplemento da *Folha* ilustrado por ele: “Como eu precisava desenhar tudo muito rápido para o jornal, não tinha mais tempo para fazer os detalhes [...]. Comecei a fazer seis ‘bananas’ na cabeça da Mônica. Era mais fácil do que aquela cabeleira. Se tivesse ainda menos tempo, ela ficaria careca!”⁵ (Figura 2, (b), (c) e (d)).

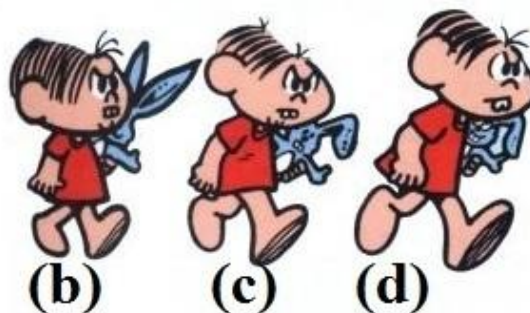


Figura 2: Evolução gráfica de Mônica. Reprodução (SOUSA, 2004a, p.10).

Nos anos 70 a mudança mais perceptível nota-se no formato do rosto de Mônica, algo que foi aplicado em todos os personagens de Mauricio de Sousa. O motivo para a angulação “bicuda” foi novamente a falta de tempo, que Mauricio explica: “Mas isso não foi de propósito. Eu desenhava tudo tão rápido que não conseguia mais fazer a curva da bochecha direito”². As “bananas” do cabelo ficam mais grossas e atingem o número de 5, que se mantém até a atualidade (Figura 3).

⁵ Op. Cit. p. 3.



Figura 3: Mônica “anos 70”. Reprodução (SOUSA, 2004^a, p. 10).

A partir da década de 80, as formas ficam particularmente arredondadas, mudança que é aplicada aos demais personagens. Atualmente, a personagem apresenta-se baixinha, gorducha, dentuça, com cabelos cujo formato se assemelha ao de bananas, com três fios que aparecem próximos à testa. Seu figurino é basicamente constituído por um vestido vermelho e roupa íntima, além do coelho de pelúcia Sansão (Figura 4).



Figura 4: Mônica com traços mais redondos. Reprodução (SOUSA, 2004^a, p. 10).

2.2. CEBOLINHA

O personagem foi inspirado num amigo de Mauricio de Sousa que trocava o R pelo L e tinha cabelos espetados. Cebolinha surgiu em 1960, e leva coelhadas em praticamente todas as histórias, pois está sempre bolando planos “infalíveis” para tomar o título de dona da rua de Mônica (SOUSA, 2004b). Dos personagens abordados neste artigo, ele é o único que usa sapatos e meias. Traja uma camisa verde com gola e um botão branco, além de um *short* preto. No decorrer dos anos, o elemento que mais sofreu alterações foi o cabelo, chegando a 5 fios. Seu rosto também foi sofrendo as mesmas transformações que ocorreram em Mônica e serão vistas em Magali, Cascão e Chico Bento (Figura 5).

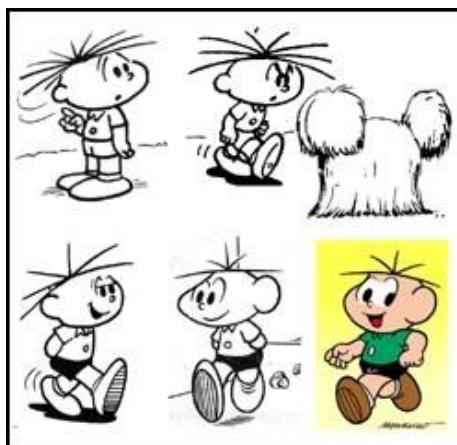


Figura 5: Evolução gráfica de Cebolinha. Imagem retirada de <http://www.getback.com.br/Monica/Evolucao%20dos%20personagens/evolucao%20personagens.htm>. Acessado em 9 abr. 2013.

2.3. CASCÃO

Companheiro de aventuras de Cebolinha, Cascão é um menino avesso à água. Foi inspirado em um amigo de infância de Mauricio de Sousa que não gostava de tomar banho, e daí vem o nome e comportamento do personagem (SOUSA, 2004b). Com o tempo, seu cabelo foi se tornando escasso, e começou a ser feito por Graciano, arte-finalista da MSP. A técnica é simples: Graciano molha o dedo no nanquim e borra a cabeça de Cascão. O garoto já chegou a se gabar uma vez, dizendo: “Eu sou o único personagem com cabelo digital!” (SOUSA, 2004c, p.27) (Figura 6).



Figura 6: Evolução gráfica de Cascão. Imagem retirada de <http://www.getback.com.br/Monica/Evolucao%20dos%20personagens/evolucao%20personagens.htm>. Acessado em 9 abr. 2013.

Dentro do universo gráfico característico de Mauricio de Sousa, a marca de sujeira do rosto de Cascão, ora desenhada num ziguezague ora composta por vários riscos paralelos, passou por um processo identificado por Scott McCloud (1995) de

transformação de figura a símbolo; ou seja, essas ranhuras, mesmo em outros contextos, serão identificadas pelo leitor como “metáfora visual” indicativa de sujeira, característica principal de Cascão. São esses riscos que demonstram a sujeira de personagens como Capitão Feio e Cascuda.

2.4. CHICO BENTO

Chico Bento, inspirado no tio-avô de Mauricio de Sousa, “nasceu” no ano de 1961 trazendo o mundo rural às histórias. (SOUSA, 2004a). Na primeira “versão” do personagem, é possível vê-lo com sobrelhas grossas e colares no pescoço. Apesar de vestir calças desde o início, originalmente sua calça é listrada e traz um retalho. O cabelo próximo às orelhas já existe, e o chapéu tem aparência de velho, descuidado.

Uma particularidade na “anatomia” de Chico Bento pode ser vista em seus pés: ele é o único personagem de todo o universo de Mauricio que tem dedos nos pés. Essa característica conota uma forte relação de Chico com o meio em que vive, e revela proximidade com o estereótipo de caipira que ele representa – alguém próximo, com contato direto com o meio ambiente (Figura 7).



Figura 7: Evolução gráfica de Chico Bento. Imagem retirada de <http://www.getback.com.br/Monica/Evolucao%20dos%20personagens/evolucao%20personagens.htm>. Acessado em 9 abr. 2013.

2.5. MAGALI

Magali, a mais gulosa da turma, foi inspirada na filha homônima de Mauricio, que também era esfomeada e magrela. Nos primeiros números das revistinhas de

Mônica e Cebolinha, Magali não tinha participação expressiva (SOUSA, 2004a). Nos anos 70 a personagem começa a despontar, e junto com o sucesso, vêm as transformações nos traços.

Os fios de cabelo abaixo da orelha, marca registrada de Magali, sofrem diminuição de tamanho, mas não de número. Ao todo, sempre foram 3 fios do lado esquerdo, 3 do lado direito e 3 próximos à testa, estes últimos semelhantes aos de Mônica. O figurino de Magali é alterado; passa de uma camisa e uma saia de pregas a um vestido estampado e brincos, tornando-se depois o mais simples possível: apenas um vestido amarelo e roupa íntima, semelhante a Mônica, que tem vestido vermelho (Figura 8).



Figura 8: Evolução gráfica de Magali. Imagem retirada de <http://www.getback.com.br/Monica/Evolucao%20dos%20personagens/evolucao%20personagens.htm>. Acessado em 9 abr. 2013.

3. A ESTÉTICA “MAURICIANA”

Alexandre Valença Alves Barbosa, em seu artigo “As histórias em quadrinhos e as técnicas artísticas”, explora as heranças do Renascimento que são visíveis entre o gênero HQ. Entre essas influências, está a elaboração da anatomia dos personagens, prática altamente desenvolvida por Leonardo da Vinci e que hoje

os artistas de histórias em quadrinhos costumam levar muito a sério [...], principalmente aqueles que trabalham com super-heróis. Mesmo quando encontramos distorções anatômicas nos desenhos atuais podemos perceber que tais alterações são propositais e quando não o são [...] (BARBOSA, 2007, p. 4).

Levando em conta os personagens tratados neste artigo pode-se afirmar que Mauricio de Sousa instaurou um estilo, uma estética própria que embora tenha sofrido alterações é reproduzida em todas as historinhas do amplo universo da Turma da Mônica.



Exemplo disso é o *site* “Máquina de Quadrinhos” (<http://www.maquinadequadrinhos.com.br>), criado em 2009 em comemoração aos 50 anos de carreira de Mauricio. O serviço permite que o internauta acesse um banco de imagens e crie sua própria historinha, que pode ser votada pelo público e até publicada. Tudo que é utilizado vem das revistas: os cenários, personagens e letras são os mesmos dos gibis.

O projeto é uma forte expressão do “*Mauricio way of draw*”, já que o sistema do portal permite aos usuários criarem histórias esteticamente idênticas às das revistas. O próprio nome do *site* já revela que a produção de quadrinhos, dada a sua reprodutibilidade e padronização, se tornou uma verdadeira máquina. Máquina de fazer dinheiro também, já que os usuários podem comprar mais bancos de imagens e assinar serviços do *site*, que atualmente está em reforma.

Esse processo industrial a que a produção das histórias da *Turma* foi submetida obrigou Mauricio de Sousa a criar a MSP, dividindo esse processo entre diversos profissionais. A crítica que se faz a isso é a quase “anulação” desses artistas, que reproduzem indefinidamente o estilo consagrado pelo “autor maior”, Mauricio, que não por acaso, tem sua assinatura característica em todas as histórias, mesmo que não tenha participado de sua concepção – ele apenas as revisa. Roberto Elísio dos Santos (2002), analisando a produção dos quadrinhos *Disney*, afirma que

a produção de mercadorias na sociedade industrial de massa caracteriza-se, em sua maior parte, pela fabricação em série e por eliminar do processo produtivo a interferência do indivíduo, diferenciando-se, dessa maneira, da produção artesanal, na qual cada bem criado é singular e carrega as marcas de seu produtor. No âmbito cultural, porém, esse fenômeno é mais complexo. Se, por um lado, na reprodução em larga escala – para atingir um público consumidor cada vez maior – há necessidade de intervenção de vários artistas e técnicos [...] na sua feitura, alterando a forma de fruição do produto cultural, por outro lado, diferente de outras mercadorias, um bem cultural exige a presença de artistas (sejam eles diretores de cinema, compositores, roteiristas ou desenhistas de quadrinhos), de pessoas dotadas de um talento especial para a concepção e consecução do produto cultural (SANTOS, 2002, p. 82).

Todavia, diferentemente do contexto *Disney*, os artistas da MSP dificilmente têm a oportunidade de se expressar nas obras: emprestam seu “talento especial” para repetir o molde mauriciano. Indo de encontro a esse fenômeno, em 2010 foi lançado *Ouro da Casa*, livro que deu chance aos artistas da MSP de fazerem suas releituras da *Turma*, (inspirado nos outros livros lançados, *MSP 50 – Mauricio de Sousa Por 50*

Artistas, MSP + 50 – Mauricio de Sousa por Mais 50 Artistas e MSP Novos 50 – Mauricio de Sousa por 50 Novos Artistas).

A tentativa de humanização e reconhecimento dos funcionários do estúdio ficou expressa nas histórias, nas homenagens aos profissionais, que tiveram perfis publicados em 11 páginas do volume, e no *site* do projeto, que também explica o título da coletânea:

Vale mencionar que o nome do livro foi sugerido logo quando a ideia de publicá-lo surgiu, em 2010, pelo "pai" de todos os personagens retratados de formas tão distintas e carinhosas. E não sem razão. Afinal, na linguagem popular, quando se fala de talentos revelados (ou consolidados) em seu próprio ambiente de trabalho, eles são denominados "pratas da casa". Mas, para o Mauricio, os da sua empresa valem mais... Valem ouro!⁶

A “anatomia padrão” dos personagens de Mauricio de Sousa, por sua vez, é marcada pelos traços sinuosos e simples, que acabam por promover um distanciamento entre os desenhos e a anatomia propriamente humana. Um exemplo da simplicidade dos traços de Mauricio é o fato de, dos cinco personagens prioritariamente abordados – Mônica, Magali, Cascão, Chico Bento e Cebolinha – só os dois últimos se apresentam com dedos nos pés. Contudo, Cebolinha quase nunca expõe seus dedos, pois usa sapatos na maior parte das histórias. Os personagens ainda não contam com unhas, e suas orelhas se resumem a uma forma oval.

Os olhos são outra questão peculiar: eles não se apresentam na forma arredondada convencional, e se resumem a uma grande esclerótica (a parte branca) onde estão dois pontos ovais. Também não há sobrancelhas e cílios, e as pálpebras aparecem apenas para demonstrar expressividade, quando algum personagem está com sono ou com raiva. O tamanho grande dos olhos remonta aos mangás, conhecidos por representá-los de forma maior que o convencional (Figura 9).



Figura 9: Turma da Mônica. Imagem retirada de <<http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/noticias/turma-da-monica-estreia-neste-sabado-na-globo-20100716.html>>. Acessado em 9 abr. 2013.

⁶ Disponível em <http://www.ourodacasa.com.br/projeto.php>. Acessado em 15 mai 2013.



Os animais sob o traço de Mauricio também ganham configurações peculiares. Além de Floquinho, um cachorro verde, há um cachorro azul (Bidu), um cão redondo e amarelo (Bugu) e um elefante verde (Jotalhão). Vale ressaltar que não se defende a ideia de que os personagens deveriam ser representados da maneira mais fidedigna; pelo contrário, busca-se expressar a carga autoral sobre a realidade, o ponto de vista de Mauricio de Sousa.

Além disso, a representação um pouco diferente da estética humana é pertinente ao universo infantil em que a Turma localiza-se, o que permite mais fantasia e liberdade gráfica. Outra particularidade notável na produção “mauriciana” são os caracteres utilizados em toda e qualquer obra referente à Turma da Mônica. Criados por Mauricio, são reproduzidos artesanalmente pelos letristas da MSP.

4. A TURMA DA MÔNICA JOVEM

Quem acompanha os quadrinhos de Mônica e companhia sempre se perguntava se um dia os personagens cresceriam. Quase cinquenta anos depois da primeira tirinha, em agosto de 2008, Mônica e sua turma apareciam nas bancas anunciando um novo horizonte a ser explorado. Nascia assim a “Turma da Mônica Jovem” (TMJ), que tem como público-alvo leitores com idade acima de 10 anos e incorpora a estética mangá nos desenhos.

Mangás são as HQ’s de origem japonesa e têm uma estética própria. Podem ser publicados em volumes de cerca de 200 páginas cada, já que as histórias são mais longas. A configuração dos quadrinhos em uma página de mangá é diferente daquela que se costuma ver numa HQ ocidental, mas que Mauricio utiliza: uma página costuma ter até 4 colunas de quadrinhos, mas às vezes uma página chega até mesmo a não ter quadrinhos, mas sim apenas um desenho. Outro aspecto visto nas revistas da “Turma da Mônica Jovem” são as páginas interiores em preto-e-branco e em papel jornal.

Seria de se esperar que a identidade visual dos personagens se descaracterizasse, mas não foi o que aconteceu. Mauricio de Sousa soube promover um intercâmbio equilibrado entre aspectos do mangá e da estética “mauriciana”. Ele diz:

Na verdade, emprestamos do estilo mangá a expressividade dos olhos, algumas cenas mais ágeis e a impressão em preto-e-branco. Eu diria que a "Turma da Mônica Jovem" é uma mescla de meu estilo com o mangá e não apenas mangá. Não perdemos as características básicas, mas adotamos uma tendência que está aí na preferência desse público (FELIZOLA, 2011, p. 7).

Um exemplo da tentativa de “abrasileirar” o mangá de TMJ, como ficou conhecida a nova revista, refere-se ao jeito de lê-la. No Japão, começa-se a leitura de trás para frente, da última página. Contudo, Mauricio optou por conservar a leitura brasileira: “Embora o mangá japonês seja lido no sentido oriental, resolvemos deixar a história com o sentido de leitura ocidental... Afinal, apesar do estilo mangá, ainda é estilo Turma da Mônica” (SOUSA, 2009, p. 130).

Desse modo, por mais que os personagens tenham crescido, eles conservam algumas características que permitem que o leitor identifique-os. Mônica ainda tem o cabelo curto (de banana) e seus dentes são levemente protuberantes. O cabelo de Cebolinha guarda a mesma disposição de fios, mas agora em quantidade maior. Cascão continua com o cabelo concentrado no topo da cabeça, apesar de não ser mais desenhado pelas digitais de Graciano. Embora o “novo” Cascão tenha passado a tomar banho, os riscos que conotam sujeira continuam em sua cara, o que demonstra um esforço em manter a essência do personagem. Já Magali mantém o mesmo tipo de cabelo e passa a usar brincos. Na capa da edição nº 10, é possível notar as características mantidas:



Figura 10: Capa de Turma da Mônica Jovem. Imagem retirada de http://4.bp.blogspot.com/_t_ppHA_3UPo/TPkUsVKIjyI/AAAAAAAAAGM/BT38Wb9BWd4/s1600/turma_da_monica_jovem_10.jpg. Acessado em 9 abr. 2013.

O estilo mangá trouxe um pouco mais de realismo no que diz respeito à anatomia humana; os personagens parecem um pouco mais reais, mas continuam com traços próprios, como orelhas sem acabamentos anatômicos e sem unhas. Mais uma vez, a estética aperfeiçoada ao longo dos anos por Mauricio de Sousa parece ser tomada como parâmetro, a ponto de influenciar a produção em mangá, estilo tão diverso daquele já consagrado pelo artista.



A “mistura” deu certo: lançada em tiragem reduzida, a TMJ chegou à marca de quase meio milhão de revistas impressas na edição 34, que marca o namoro entre Mônica e Cebolinha. (LUCCA, 2011).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se em uma exposição de arte podemos facilmente identificar um quadro como renascentista, e se ao ler um livro notamos que ele é expressivamente da Escola do Romantismo, é possível nos depararmos com uma história em quadrinhos e afirmar que ela pertence a Mauricio de Sousa, que diz: “Em quarenta anos, conseguimos compor um feixe cultural único no mundo, com filosofia própria, traço original e proposta emparelhada com a expectativa do leitor” (SOUSA, 2004c, p. 1).

Traços, personalidades dos personagens, cenários, cores, letras... Tudo isso concorre para construir um verdadeiro universo criativo, que passa por transformações ao longo do tempo, conserva características e cria constantes possibilidades, mas se desenvolve dentro de certos padrões, ou seja, dentro da estética “mauriciano”.

O “modo de fazer” da Turma da Mônica já está tão consolidado que praticamente tudo o que é produzido atualmente é feito por outros artistas e não por Mauricio de Sousa; ele raramente cria, mas sempre assina as historinhas. Tal prática, ao mesmo tempo em que levanta polêmica, serve para ratificar o caráter de produto cultural que as revistas em quadrinhos assumiram (FORASTIERI, 2011). Estamos diante de uma “fábrica de quadrinhos”, que rende lucros cada vez maiores, que advêm da vendagem de revistas, do licenciamento de produtos, que abarca desde maçãs a meias.

O presente artigo foi apenas um passo inicial na empreitada de esmiuçar a produção gráfica de Mauricio de Sousa, que entra na lógica da reprodutibilidade técnica descrita por Adorno e Horkheimer (1985) e que não parece se esgotar tão cedo. O tema merece que mais estudos sejam realizados no sentido de identificar prováveis razões do sucesso editorial de Mônica e companhia, ou seja, os ingredientes principais da “receita” de Mauricio.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: **A Dialética do Esclarecimento - Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1985.



BAGNARIOL, Piero *et al.* **Guia ilustrado de grafitti e quadrinhos**. Belo Horizonte: Fapi, 2004.

BARBOSA, Alexandre Valença Alves Barbosa. As histórias em quadrinhos e as técnicas artísticas. In: 16º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. 2007, Campinas. **Anais do 16º Congresso de leitura do Brasil**. Edição *on-line*. Disponível em <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/index.htm>. Acessado em 9 jun. 2011.

CIRNE, Moacy (org.). **Literatura em quadrinhos no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FELIZOLA, Matheus Pereira Mattos; GOMES, Rafael de Jesus. **O consumo de produtos culturais, o consumidor de mangás e a Turma da Mônica Jovem**. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0948-1.pdf>>. acessado em 09 jun. 2011.

FORASTIERI, André. Por que Tomás não lê mais o Cebolinha. **Blog de André Forastieri**. Disponível em <<http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2010/08/16/por-que-tomas-nao-le-mais-o-cebolinha>>. Acessado em 09 jun. 2011.

LUCCA, Guss de. Namoro de Mônica e Cebolinha já vendeu mais de 500 mil gibis. **Último Segundo**. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/namoro+de+monica+e+cebolinha+ja+vendeu+500+mil+gibis/n1597000642510.html>>. Acessado em 7 jun. 2011.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **Para reler os quadrinhos Disney – Linguagem, evolução e análise de HQs**. São Paulo: Paulinas, 2002.

SOUSA, Mauricio de. **Mônica 30 anos**. São Paulo: Globo, 2004a.

_____. **Mônica 35 anos**. São Paulo: Globo, 2004b.

_____. **Mônica 40 anos**. São Paulo: Globo, 2004c.

_____. **Turma da Mônica Jovem**. São Paulo: Panini, 2009.